**ESPIRITUALIDADE E PANDEMIA**

**Esperar o futuro, ou preparar o futuro?**

Pe. Rogério L. Zanini

A pandemia como uma “tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades” (*Mensagem* Urbi et orbi do Papa Francisco). Do Papa Francisco, também, vem o alerta: de não “preparar-se para o futuro”, mas sim “preparar o futuro”. E clama para uma transformação: “A nossa vida após a pandemia não pode ser uma réplica do que se passou antes” (*Mensagem* Urbi et orbi do Papa Francisco).

Agora começa um processo, sumamente importante de interpretar o *sinal* e encontrar caminhos *na* pós-pandemia. Neste processo, a Igreja tem uma missão importante para ajudar na compreensão da realidade à luz da fé. “Deus amou tanto o mundo, que enviou seu Filho único não para condenar, mas para salvar o mundo.” (cf. Jo 3,16-17). É a partir desta revelação que os cristãos precisam perceber a presença de Deus agindo na história. Se espiritualidade é um modo de ser, o modo de ser de Deus é o de amar a humanidade. Deus está enlameado no mundo, fato revelado na pessoa de Jesus Cristo, que, através do envio do Espírito Santo, não abandonará a história jamais: “Estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos...” (Mt 28,20). É da vontade de Deus, portanto, a superação dos males, tais como as injustiças sociais, as doenças, as pandemias... Desta forma, fica também esclarecido: *Deus não quer a pandemia, a morte por fome, e não é responsável pelos males*, mas está junto conosco trabalhando para sua definitiva superação.

Deus quer a vida de todas as pessoas, porém, a pandemia revelou a falta de cuidado para com as multidões de pobres. Estes que estão invisíveis aos olhos dos governos. Ora, mesmo em meio às disputas políticas, a prioridade deveriam ser as pessoas, depois a economia. Infelizmente, pelos fatos ficou claro: os pobres nunca são critérios em nossos governos. Os marginalizados, no dia a dia, acabam sendo os mais prejudicados em momentos de pandemia, ou em outras catástrofes, sejam elas naturais ou provocadas pelas ações humanas.

Por isso, esta realidade da pandemia deve levar os batizados a se perguntarem com a maior seriedade: como trabalhar para ajudar na superação dos males presentes na história? O que é essencial para que, à luz do Espírito Santo, a Igreja retome, supere e transforme? Se Cristo está caminhando conosco neste momento trágico, aonde Jesus quer que caminhemos? Como viver para preparar o momento pós-pandemia?

**Sete “VACINAS” para uma espiritualidade libertadora**

**1) Simplicidade missionária**.[[1]](#footnote-1) O coronavírus está forçando a Igreja a se concentrar em sua mensagem principal. Uma Igreja de discípulos missionários será marcada pela sua simplicidade. “Por que complicar algo tão simples?”, pergunta o Papa na *Evangelii Gaudium*ao falar sobre o clamor dos pobres e a necessidade da misericórdia de Deus. “Jesus nos ensinou este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos. Para que ofuscar o que é tão claro?” (EG 194). É o caminho de uma “Igreja em saída” para as periferias existenciais e sociais.

**2) Igreja pobre e dos pobres**. Para quem tinha dúvida da opção pelos pobres, a pandemia responde por meio das estatísticas de pessoas de carne e osso: multidões de *invisíveis* clamando por pão e justiça social. A opção pelos pobres é central no evangelho e na salvação cristã. A parábola do Samaritano, refletida na Campanha da Fraternidade deste ano, deixou esclarecido: “Viu, teve compaixão e cuidou dele” (cf. Lc 10,25-37). O cuidado dos pobres e marginalizados é critério de salvação. Agora é a hora de discernir quais estruturas favorecem e ajudam a cuidar dos preferidos de Jesus. Que prioridades têm os pobres nas comunidades cristãs, os investimentos paroquiais, e dos próprios governos federal, estadual e municipal?

**3) A relação fecunda entre Igreja/religião e ciência**. Ao fechar os edifícios da Igreja e suspender suas liturgias, as lideranças da Igreja estavam respondendo às orientações científicas. A fé não se opõe à razão ou à ciência. A relação entre fé e ciência é de enriquecimento mútuo (cf. EG 132). Crer é andar com os olhos abertos na história sem deixar-se enganar por promessas milagrosas, sejam elas religiosas, ou mesmo das ciências que não são neutras (LS 114). Papa Francisco recomenda o uso da cautela, porque “qualquer solução técnica que as ciências pretendam oferecer será impotente para resolver os graves problemas do mundo, se a humanidade perde o seu rumo, se esquece as grandes motivações que tornam possível a convivência social, o sacrifício, a bondade” (LS 200).

**4) Criatividade litúrgica e pastoral.** A Igreja já está encontrando novas formas de levar os sacramentos e a mensagem do Evangelho aos fiéis no contexto das restrições pela saúde pública. O desafio mais difícil é a liturgia: tudo parece estar focado na missa e não em outras experiências litúrgicas possíveis. “Toda a evangelização está fundada sobre esta Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização.” (EG 174).

É provável que os ritos virtuais continuem sendo populares e, à medida que as restrições forem eliminadas, as pessoas poderão ir à missa com menos frequência. O mundo pós-Covid-19 exigirá que os católicos assumam mais responsabilidade pela própria fé, exigindo uma mudança para um discipulado ativo, em vez de serem meramente *consumidores religiosos* passivos. A criatividade será mais importante, com o surgimento de missas ao ar livre, liturgias domésticas, orientação espiritual via videoconferência e outras inovações.

**5) Espiritualidade da solidariedade**.[[2]](#footnote-2) A pandemia deixou claro aquilo que é anúncio central em Jesus Cristo: “Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças” (EG 113). Aí, o grande desafio na superação da onda veloz da cultura do individualismo e da globalização da indiferença, marcas maléficas de nosso tempo. O remédio é trabalhar para uma cultura do encontro que desencadeia a revolução da ternura. Por isso, somos chamados a ressuscitar uma mentalidade coletiva. Aos poucos, a própria humanidade vai reconhecendo que vivemos em uma única casa comum, e nossas ações repercutem nos demais seres humanos. *Cuidar-se implica cuidar dos outros*. Caminho para ressuscitar o sentido de responsabilidade, ou seja, a consciência de que as ações de cada pessoa têm consequências na vida dos outros e na casa comum. As experiências vividas no cotidiano têm ressuscitado diferentes formas de ajudas solidárias: voluntariado, de modo especial os jovens, ações populares, contribuições em alimentos ou ajuda financeira. Ensaios de projetos de economia solidária como propostas alternativas à economia capitalista.

**6) Espiritualidade do resgate do valor da vida humana.** Sinais de ressurreição na alegria e na ação de graças a Deus, pelas vidas resgatadas. Pelas crianças que seguem nascendo e nas mães que continuam apostando na vida. Tem ressuscitado o amor total de dar a vida ao outro, como testemunham os *grupos de frente da área de saúde*, de pessoas como sacerdotes e religiosos que morreram servindo e amando até o fim.

**7) A mística do afeto e do abraço**. Na ausência, sentiu-se a necessidade das relações fraternas. Tem ressuscitado a necessidade corporal do abraço, do beijo, do contato físico face a face, do encontro, da celebração junto aos demais, porque somos seres corporais. Bem que a internet ajuda a seguir conectados, mas não dispensa o contato físico tão especial na fé cristã. Em suas aparições Jesus ressuscitado se deixa tocar, e seus discípulos confirmam que realmente é Ele e está vivo. Jesus responde, desta maneira, a necessidade humana do encontro através da corporeidade. Por isso, esta situação ressuscita a esperança de que podemos contagiar-nos de um amor profundo, formando uma família que vive na única casa comum, da qual todos somos responsáveis por seu cuidado e proteção.

Estas sete características são como *vacinas* para uma espiritualidade libertadora, superando outras *vacinas* já ultrapassadas, vencidas e alienantes que destroem a vida humana. Por isso, a necessidade de ajudar a preparar o futuro e não simplesmente, esperar o futuro de braços cruzados. Porque, como diz a canção: “*quem sabe faz a hora não espera acontecer*”.

1. Para as primeiras quatro características seguimos de perto a reflexão de Christopher Lamb: *Quatro características do catolicismo pós-pandemia*. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599458-quatro-caracteristicas-do-catolicismo-pos-pandemia. Acesso em 10 de junho de 2020. [↑](#footnote-ref-1)
2. Para estas três características seguimos de perto a reflexão de María del Pilar Silveira: *La enfermedad ha resucitado el sentido de responsabilidad.*Disponível em: <http://revistasic.gumilla.org/2020/maria-del-pilar-silveira-la-enfermedad-ha-resucitado-el-sentido-de-responsabilidad/>. Acesso em 10 de junho de 2020. [↑](#footnote-ref-2)